

O CAMINHÃO

1222 RUBEM BRAGA

UM motor, um bom motor, não há nada como um motor. O Brasil precisa de motores.

Assim pensava eu, naturalmente sugestionado por tudo que escrevem por aí sobre a falta de transporte, etc.

Ora, acontece que em minha rua há um caminhão — um caminhão, senhores, com um potente motor, a serviço da lavoura e do povo. Minha empregada vai à feira mas nos intervalos sempre falta alguma coisa. E no meu caminho para a praia, há muitos anos está o caminhão, onde posso comprar alguma fruta. Os preços são altos, e ainda não consegui ver qualquer diferença dali para qualquer quitanda.

Mas não é isso o que me impressiona. O que me impressiona é a imobilidade daquele caminhão. Aberto ou fechado (pois ele tem, naturalmente, uma armação para suas mercadorias) está sempre ali. Confesso que até hoje nunca o vi mover-se, nem durante o dia nem durante a noite. Crelo que ape-

nas um domingo notei sua ausência. Em todo caso, como não há hora do dia ou da noite em que não o tenha observado, posso afirmar que se o caminhão se move isso é muitíssimo raro e muitíssimo pouco.

Assim há, no Rio, muitíssimos caminhões que, afinal, são barracas de rodas e de motor parado. Por que, para que? O fato de ser anti-econômico o uso de um caminhão para uma função (digamos assim) tão sedentária, dá para desconfiar de que também para os compradores de frutas e legumes a coisa é anti-econômica — pois forçosamente estamos comprando, a todo instante, o silêncio e a imobilidade daquele motor, em uma época de transporte tão raro e tão caro.

Proponho, senhor general prefeito, que no lugar do caminhão possa o português armar ali, em plena rua, uma barraca, uma quitandinha de madeira e pano, qualquer coisa assim. E que o motor trabalhe e o caminhão ande. Porque os caminhões foram feitos para andar, e os motores para funcionar. Não é por nada, senhor general. Mas a imagem, sempre presente aos meus olhos, daquele caminhão eternamente parado — como um símbolo — neste país sem transporte, tem não sei o que de cômico e de doloroso. E me faz pensar nas coisas do Brasil — eu, senhor prefeito, que não gosto de pensar em coisas tristes.

12.2.49